

A politização dos 500 anos

Gilberto de Mello Kujawski

O que estragou a comemoração dos 500 anos foi a politização, sua estúpida politização. O que deveria ser uma festa grandiosa, unindo os brasileiros acima das divisões de classes, de raças e de regiões, abortou-se na questão do genocídio indígena. Coisas existem que não podem ser politizadas, como a arte, a ciência, a religião. Porque, quando politizadas, são simplesmente destruídas. Degeneram em subarte, pseudociência e falsa religião. Outra coisa que não pode ser politizada é o aniversário, seja de uma pessoa, seja de um povo. Ninguém pode alegar que não vai participar do aniversário do pai ou do avô só porque eles têm idéias políticas muito diferentes das nossas. Ainda que pareça mentira, foi isso o que os inimigos dos 500 anos fizeram. "Não há o que comemorar", alegam, como se tudo tivesse dado errado e nada pudesse melhorar depois do Descobrimento (com perdão da palavra - descobrimento - que virou tabu, palavra proibida).

Desceu sobre a História do Brasil a cortina da lenda negra. A expressão "lenda negra" tem história. Foi usada em 1914 pelo escritor Julián Juderías, a propósito das acusações vindas de toda a parte contra a Espanha, retratada como um país inquisitorial, ignorante, fanático e incapaz de figurar entre os povos cultos da Europa.

Verdade ou mentira? Claro que verdade, em parte. A maçã que pende estragada do pé nem por isso contamina a macieira. O que provoca aversão na lenda negra não são os fatos negativos que aponta, e sim a utilização nada escrupulosa que deles se faz. Em nome do obscurantismo político e cultural que dominou a Espanha a partir do fim do século 17, será lícito negar toda a história e toda a cultura espanholas? Por causa do encarniçamento e da brutalidade das lutas entre as cidades italianas no Renascimento, vamos caluniar a cultura italiana inteira, desconhecendo seu refinamento e sua pujança criadora? Em consequência das sangrentas guerras de religião e da ditadura do Terror na França, tem cabimento desconhecer que os franceses construíram



Existem coisas que não podem ser politizadas, como a arte, a ciência, a religião. E também o aniversário, seja de uma pessoa, seja de um povo

a civilização mais completa da Europa? E a Inglaterra ou a Alemanha, com aquela sucessão de guerras religiosas e dinásticas, por acaso não forjaram os mais altos níveis de vida e de cultura?

O espírito da lenda negra é simples. Isola um ponto concreto, de caráter negativo, que pode até ser verdadeiro, e apoiado exclusivamente nele, procede-se a mais sistemática *desqualificação* de um país, de uma civilização, de certa instituição, de determinado feito histórico; por exemplo, a catequização dos índios. A colonização espanhola e portuguesa é abominada globalmente por causa do morticínio dos índios. A Igreja inteira fica para sempre estigmatizada por causa da Inquisição. A Alemanha vergará por toda a eternidade sob o peso do Holocausto, e Goethe e Kant serão desprezados. A Rússia ficará congelada para sempre nos crimes pavorosos comandados por Lenin e Stalin.

Que tal se condenássemos a cultura

indígena americana em sua totalidade por causa dos sacrifícios humanos e da antropofagia?

O nome do religioso espanhol Las Casas é sempre invocado como testemunha irrefutável das atrocidades perpetradas pelos terríveis conquistadores espanhóis. Ora, se há um autor a ser lido com máxima cautela, este é o prelado Bartolomé de Las Casas. Em 1963, o grande e respeitado medievalista espanhol Ramón Menéndez Pidal dedicou todo um livro à crítica do bispo de Chiapas, *El Padre Las Casas: Su Doble Personalidad*, chamando a atenção para seu constante e patológico exagero, e sua paranóica desconfiança de tudo e de todos.

Que pensaria um grande escritor latino-americano, como Octavio Paz, dessa embrulhada toda? Vejamos o que ele diz em *O Labirinto da Solidão*:

"Não pretendo justificar a sociedade colonial. A rigor, enquanto subsista esta ou aquela forma de opressão, nenhuma sociedade se justifica. Aspiro compreendê-la como uma totalidade viva e, por isso, contraditória. Do mesmo modo, nego-me a ver nos sacrifícios humanos dos astecas uma expressão isolada de crueldade, sem relação com o resto desta civilização: a extração de corações e as pirâmides monumentais, a escultura e o canibalismo ritual, a poesia e a "guerra florida", a teocracia e os mitos grandiosos são um todo indissolúvel. Negar isto é tão infantil quanto negar a arte gótica ou a poesia provençal, em nome da situação dos servos medievais, ou negar Ésquilo porque havia escravos em Atenas. A história tem a realidade atroz de um pesadelo; a grandeza do homem consiste em fazer obras belas e duráveis com a substância real desse pesadelo. Ou, dito de outro modo: transfigurar o pesadelo em visão, liberar-nos, mesmo que por um só instante, da realidade disforme, por meio da criação."

Gilberto de Mello Kujawski
é ensaísta e autor de
"O Sabor da Vida" (ensaaios)
e de "O Elmo de Marubríno"